

Economia Informal, Espaço Público e Territórios dos Camelôs em Mossoró (RN)

Informal Economy, Public Space and Territories of Street Vendors in Mossoró (RN)

Erik Albino de Sousaⁱ

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Mossoró, Brasil

Fábio Ricardo Silva Beserraⁱⁱ

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Mossoró, Brasil

Resumo: Neste trabalho, a análise recai sobre o território usado pelos camelôs no bairro Centro, em Mossoró (RN), seus conflitos, indisposições e as relações de poder desenvolvidas. Abordar a dinâmica territorial dos camelôs diz respeito ao desenvolvimento e à espacialização de agentes incluídos de forma precária no sistema econômico vigente como um ato de resistência. Como metodologia foram realizadas a revisão bibliográfica, analisando investigações acerca dos espaços públicos, a produção e o uso dos territórios a partir da dinâmica da economia urbana; o levantamento de dados, fundamentado na coleta de elementos secundários e primários, baseado na pesquisa em órgãos públicos e privados, com aplicação de questionários e entrevistas a diferentes agentes envolvidos nesse processo; e, através das pesquisas de campo *in locu*, observou-se como essa fração da realidade se materializa no cotidiano. Desse modo, foi possível perceber uma íntima relação entre camelôs e demais agentes do espaço numa dinâmica contraditória que sobrevive entre a solidariedade e o conflito, entre a colaboração e a disputa pela sobrevivência.

Palavras-chave: Economia Urbana; Território; Camelôs; Economia Informal.

Abstract: This work analyzes the territory occupied by street vendors in the city center of Mossoró (RN), focusing on how conflict and inconvenience arise as well as how relations of empowerment are developed. By addressing issues involving the territorial dynamics of street vendors, the study examines the development and spatialization of agents precariously included in the capitalist system and their actions of resistance. Methods included bibliographic research on public space and the production of territories based on the dynamics of the urban economy; primary and secondary data was collected through the application of questionnaires and interviews with different agents; and field research

ⁱ Mestrando em Geografia. erikalbino2018@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-1082-3209>

ⁱⁱ Professor Adjunto do Departamento de Geografia e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia. fabioricardo@uern.br. <https://orcid.org/0000-0003-0873-0174>

was undertaken in the city center of Mossoró, observing how this reality materializes in daily life. An intimate relationship was perceived between street vendors and other spatial agents in a contradictory dynamic that swings between solidarity and conflict and between collaboration and dispute.

Keywords: Urban Economy; Territory; Street Vendors; Informal Economy.

Introdução

A cidade de Mossoró, localizada no interior do estado do Rio Grande do Norte, encontra suas atividades econômicas assentadas no tripé produtivo, baseados no sal, fruticultura irrigada e petróleo. Para Santos (2006), são esses agentes oriundos das iniciativas privadas, assim como o Estado e as pessoas, que estruturam de forma econômica o espaço. Através disso, compreende-se que “a produção do espaço urbano ocorre através de inúmeras e complexas ações realizadas por um conjunto bastante heterogêneo de agentes envolvidos de modos distintos no processo” (BESERRA, 2017, p. 153).

Através dessa dinâmica econômica torna-se influente para suas cidades vizinhas, atraindo uma população que busca Mossoró como lugar de oportunidades. Esse processo não é recente, sendo percebido desde a primeira metade do século XX, embora de maneira menos intensa, momento de maior manifestação das trocas comerciais, ganhando ênfase no período pós-1950, quando as distintas atividades econômicas, sobretudo industriais, são submetidas a processos de modernização, promovendo impactos na ocupação da mão de obra para formas mais baratas de produção. Para Silva (2012), devido à mecanização da produção, o trabalhador, não encontrando formas de vender sua força de trabalho, recorre a outras possibilidades de aquisição de renda, recorrendo à economia informal, através de agentes como camelôs, ambulantes, flanelinhas etc.

O presente trabalho tem como objetivo analisar, através da atividade dos camelôs, a dinâmica da economia informal em Mossoró e o uso do território em espaços públicos apropriados e mantidos como meio de sobrevivência. Como recorte espacial foi estabelecido o bairro Centro, ponto de maior concentração dessa atividade na cidade.

Os camelôs assemelham-se aos demais agentes informais em características como a escolha de locais de maior fluxo de pessoas para se estabelecerem e a não necessidade de qualificação da mão de obra. Porém, se distinguem dos demais por apresentarem algo que os singulariza: o seu ponto fixo, aqui compreendido como o território do camelô, ou seja, uma porção do espaço apropriada e mantida através de influências e relações de poder de forma consciente.

Outra característica desse território é a necessária atuação de resistência, por ser alvo de conflitos entre os próprios camelôs, entre os camelôs e os agentes circunscritos na economia formal, bem como com o poder público e a própria população. Nesse sentido, enfatiza-se o que Corrêa (2002) e Carlos (2013) relatam que a cidade é o encontro de diversas classes sociais vivendo e se reproduzindo, classes conflitantes e que disputam, dentre outras coisas, o uso do solo urbano.

Estudar a atividade dos camelôs como campo da economia informal, no âmbito da geografia econômica, se faz relevante para a ciência, primeiramente, devido a suas

múltiplas manifestações no espaço global, em cidades diversas, ou países, independente de suas diferenças políticas, econômicas, culturais, sociais ou demográficas. Em segundo lugar, por ser uma atividade histórica e geograficamente determinada, levando em consideração ser uma prática que se ressignifica de acordo com as transformações das demandas da sociedade e de acordo com os determinados espaços onde estão localizadas. Em terceiro lugar, por ser uma atividade que estabelece seu ponto fixo através, na maioria das vezes, da apropriação de um espaço público, constituindo territórios que influenciam diretamente a dinâmica dos cidadãos, a paisagem urbana e a economia local. Com isso, “apesar da aparente invisibilidade, o camelô existe no circuito econômico, na estrutura social, e ocupa definitivamente um espaço físico nas cidades” (JESUS, 2011, p. 173).

Metodologia

A partir da temática escolhida, sob o prisma analítico da Geografia Econômica, compreendida como o estudo entre o espaço construído (organização do espaço, espaço ocupado) e a vida econômica ou, de outro modo, a relação entre a dinâmica econômica e o espaço usado (MENDÉZ, 2008; POLÈSE, MOROLLÒN, 2009; VIDEIRA et al, 2011; HARVEY, 2015), foram selecionadas variáveis a serem investigadas, quantificadas e qualificadas de forma sistemática e, através de banco de dados, de informações, de imagens e cartogramas capazes de desvelar a dinâmica dos camelôs do bairro Centro de Mossoró e a constituição e manutenção do território usado (SANTOS, 1996b; 2007) a partir de espaços públicos. Para tanto, as seguintes atividades foram desenvolvidas: 1) *Pesquisa bibliográfica e levantamento de dados*, que ocorreram em três etapas, a reunião de bibliografia que contemplasse as temáticas acima propostas, o levantamento de dados estatísticos e informações através de documentos oficiais (políticas públicas, planos e diretrizes); a pesquisa de teses, dissertações, artigos e periódicos sobre o tema; 2) *Interpretação das informações* coletadas a partir das bases estatísticas, referências bibliográficas e imagens e; 3) *Trabalho de Campo*.

O trabalho de campo foi realizado no bairro Centro (Figura 1) entre os meses de novembro de 2018 e setembro de 2019. Essa atividade orientou a interpretação dos elementos dispostos na paisagem e as narrativas obtidas durante as entrevistas e aplicações de questionários, articulados aos dados estatísticos coletados e analisados comparativamente a outras realidades, contrapondo-os aos elementos teórico-metodológicos selecionados.

Foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com os vendedores camelôs para compreender a dinâmica de suas atividades, com questões tais: como conseguiram os espaços ocupados? Quais são as relações desenvolvidas com a população e os demais estabelecimentos comerciais? Quanto às entrevistas, estas foram indispensáveis por possibilitarem a exposição de opiniões dos diferentes sujeitos (RICHARDSON, 2014).

Também foram realizadas pesquisas de opinião do tipo *survey* com transeuntes, consumidores ou não, e proprietários e/ou vendedores de lojas acerca dos camelôs, dos espaços por eles ocupados e da relação que desenvolvem entre si.

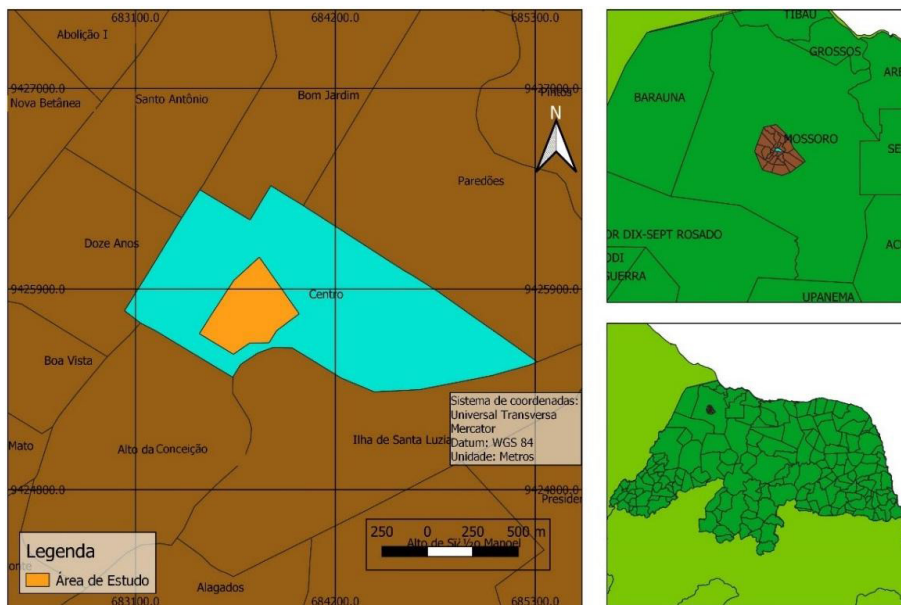


Figura 1 – Mossoró (RN): Área de estudo dos camelôs no bairro Centro, 2019.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Houve tentativas de entrevistas com a Secretaria Municipal de Infraestrutura, Meio Ambiente, Urbanismo e Serviços Urbanos da Prefeitura Municipal de Mossoró (SE-DETEMA/PMM), a fim de averiguar o posicionamento bem como as ações do poder público quanto aos espaços ocupados pelos camelôs, todavia, sem êxito em sua realização devido à resistência do secretariado municipal em disponibilizar informações para a pesquisa.

Ao analisar as formas de ocupação do espaço e suas diferentes apropriações, compreender o papel dessa tríade camelôs, transeuntes e vendedores lojistas é fundamental, uma vez que possibilita revelar relações de poder e disputa por diferentes agentes da produção do espaço. A partir disso foi possível captar como se deu a *conquista do território*, os motivos de entrada na economia informal e as dificuldades em manter tal território.

O acesso aos camelôs ocorreu a partir de contato prévio com um de seus representantes, para o qual fora explicitada a natureza e os objetivos desse trabalho de pesquisa. A seguir, por seu intermédio, obteve-se a concessão por parte dos demais camelôs para a aplicação dos questionários e realização das entrevistas. Isso foi necessário em decorrência de tentativas sem êxito de abordagem direta com os camelôs, na medida em que não se sentiam à vontade para apresentarem informações devido às circunstâncias de conflito com o poder público.

Os Camelôs

O desemprego estrutural provoca o subemprego (OLIVEIRA, 2019). É a partir disso que o trabalhador, visto sem fonte de renda, busca a informalidade, considerando-se que a economia informal é um espaço onde qualquer indivíduo consegue adentrar, devido não necessitar de qualificação profissional ou grande investimento capital. Entre as atividades informais causadas pelo desemprego estrutural está a atividade de camelotagem, que se caracteriza por um emprego não regulamentado e sem segurança dos direitos trabalhistas como auxílio desemprego, aposentadoria ou licença materna.

Muitas vezes confundidos com os ambulantes, os camelôs se diferenciam pelo fato de que cada um “possui ponto fixo independente de estar em um camelódromo ou nas ruas e calçadas, sendo o que o diferencia do vendedor ambulante é exatamente a posse do ponto fixo” (RODRIGUES, 2008, p. 4). É esse ponto fixo do camelô que faz com que o mesmo desenvolva seu território. O ambulante, por não dispor de ponto fixo, percorre ruas e praças da cidade, migrando de acordo com que considere um melhor lugar para suas vendas, indo ao encontro de seus clientes, não se apropriando nem desenvolvendo uma relação de fixidez sobre um espaço.

A apropriação territorial, chamada popularmente de “ponto”, pode ser de um boxe ou uma barraca. É apenas uma etapa dessa atividade, já que “é necessário também ter dinheiro para comprar as mercadorias e se manter sem revendê-las nos períodos de declínio” (RODRIGUES, 2008, p. 4). A falta de dinheiro para a permanência no ponto revela o ápice da contradição da apropriação privada do espaço público: sua venda. Não é incomum entre os camelôs a venda, ou o aluguel, do seu ponto em ruas e praças, caracterizando formas particulares de apropriação territorial.

Para Alves (2012), apesar da apropriação territorial e delimitação de poder sobre o espaço, este, por ser público, faz com que o camelô nunca se encontre em vivência passiva no seu ponto, mas sim, tenha uma permanência nele conseguida através da resistência devido à sua aquisição instável, já que o ponto tanto pode ser tomado por outro quanto retirado pelo poder público. A despeito da relevância dos usos e desusos dos espaços públicos como tema de estudos e debates na Geografia, em virtude dos limites da pesquisa, optou-se por não abordar a questão no presente trabalho.

Desse modo, os camelôs sofrem frequentes pressões, tanto do poder público, por estarem se apropriando ilegalmente de um espaço público, como de lojistas, que muitas vezes se sentem prejudicados com a concorrência dos camelôs, além da própria população que tem seu fluxo dificultado. Através desses embates é notória que a permanência desses vendedores nos locais ocupados se torna uma resistência contínua para sua sobrevivência.

Quanto aos espaços escolhidos para instalarem seus pontos e assegurarem a posse e o controle do mesmo, para Rodrigues (2008), são geralmente as praças públicas e calçadas por onde passam grande fluxo de pessoas, sendo esses locais os que apresentam um maior potencial de compradores e palco das disputas entre os camelôs com os ambulantes e os donos dos comércios formais, assim como, também, disputa entre os camelôs e o poder público.

Desenvolvimento da Economia Informal e Camelotagem em Mossoró

A economia informal se intensifica em Mossoró a partir das últimas décadas do século XX, quando a modernização das atividades econômicas produtivas reduz os postos de trabalho disponíveis. Para Silva (2012), a partir desse momento, o trabalhador não consegue vender sua força de trabalho para empresas, restando a ele procurar um meio de sobrevivência a partir de atividades de sua própria renda, recorrendo à economia informal.

Em Mossoró verifica-se que as atividades desse setor se espalham ao longo de sua malha urbana, destacando-se no bairro Centro devido ao maior fluxo de pessoas e mercadorias. Silva (2012) descreve sobre a atividade camelô na cidade:

Estas vêm sendo praticadas com maior intensidade nas imediações do centro da cidade, especificamente, em locais como o Mercado Público e calçadas das principais ruas, onde há maior concentração de pedestres. Isso acontece em virtude de o centro da cidade oferecer vantagens, por ser um terminal de transportes de carga e de passageiros e o lugar em que as diferentes camadas sociais se encontram (SILVA, 2012, p. 28).

Entre essas atividades, estão presentes os camelôs, com seus boxes e barracas, ao mesmo tempo garantindo sua sobrevivência e demarcando o território a partir dos seus pontos. A imagem apresentada na Figura 2 aponta para a presença dos camelôs nas calçadas, espaços públicos, da cidade.



Figura 2 – Camelôs nas calçadas da Rua Coronel Gurgel – Mossoró (RN).
Foto: Autores, 2019.

Através da imagem é notório que a atividade dos camelôs é significativa na paisagem urbana no bairro Centro da cidade, dividindo espaços entre os pedestres e disputando clientela com a economia formal. Para Alves (2012), os camelôs espalhados nesses espaços são um resultado de exclusão social, tornando-se símbolo do caos da cidade.

A Rua Coronel Gurgel e a Praça da Independência, conhecida popularmente como “Praça do Mercado” (por localizar-se em frente ao Mercado Público Central da cidade), constituem-se como espaços centrais de grande fluxo de pessoas na cidade. Por esse motivo são os principais espaços onde há a concentração das atividades dos vendedores informais. A Rua Coronel Gurgel apresenta-se como a de o maior fluxo de pessoas em relação às demais devido à quantidade de comércios, serviços e grandes lojas de redes locais, regionais e nacionais. Já a Praça da Independência configura-se como espaço comercial semelhante a um mercado a céu aberto ou como uma extensão do próprio Mercado Público Central.

Foram contabilizados no bairro Centro um total de 212 camelôs. Na Tabela 1 são apresentados os camelôs classificados por tipos de produtos vendidos.

Tabela 1 – Mossoró (RN): locais e tipos de produtos vendidos pelos camelôs.

Áreas	Acessórios	Lanches	Roupas	Bolsas	Brinquedos	Outros	Total
R. Coronel Gurgel	5	11	12	8	7	13	48
Praça do Mercado	17	9	3	14	-	5	48
R. Bezerra Mendes	9	3	11	-	4	-	27
R. Meire e Sá	8	2	5	8	1	2	26
Calçada do Mercado	8	7	-	1	-	-	16
Av. Cunha da Mota	-	11	-	-	-	-	11
R. Dix-Sexpt Rosado	2	5	-	-	-	-	7
R. Elza Jales Diniz	2	2	1	-	-	-	5
R. Idalino de Oliveira	2	2	-	-	-	-	4
R. José de Alencar	2	2	-	-	-	-	4
Av. Augusto Severo	1	2	-	-	-	-	3
TOTAL	60	57	35	31	12	20	199

Fonte: Elaborado pelos autores (pesquisa realizada no dia 14/11/2018).

A presença dos camelôs na paisagem urbana mossoroense é um reflexo de algo maior. Para Miranda (2005), a paisagem dos camelôs representa o desemprego, a visibilidade da precarização do trabalho e a (re)produção de alternativas de sobrevivência financeira numa sociedade desigual em que buscam as ruas como um meio de uma reinclusão no mundo do trabalho, observa-se isso a partir da quantidade de camelôs encontrada na cidade.

Os Camelôs e o Território Usado como Espaço de Sobrevivência

Para Carlos (2008), a cidade é a materialização social, espaço de reprodução do capital e local de encontro de distintas classes com desejos, necessidades e características dessemelhantes, onde essas diferenças podem, na maioria das vezes, gerar conflitos por suas diferentes formas de ocupar e utilizar os espaços territorializados. Estas distintas classes usufruem do espaço da cidade para seu abrigo e sustento onde:

O uso do solo urbano será disputado pelos vários segmentos da sociedade de forma diferenciada, gerando conflitos entre indivíduos e usos. Esses conflitos serão orientados pelo mercado, mediador fundamental das relações que se estabelecem na sociedade capitalista, produzindo um conjunto limitado das escolhas e condições de vida (CARLOS, 2008, p. 46-47).

Entre os agentes que utilizam o solo urbano para produção e relações mercantis está o camelô, que, como agente da economia informal, concorre diretamente com a economia formal. A Figura 3 demonstra essa concorrência entre as duas formas econômicas.



Figura 3 – Mossoró (RN): Produtos da economia informal concorrendo diretamente com loja do mercado formal.

Foto: Autores, 2019.

A concorrência entre as duas formas de economias representada na Figura 3 se dá advinda das distintas classes sociais da cidade. Para Santos (1996a, p. 10), a cidade “torna-se o lugar de todos os capitais e todos os trabalhos, isto é, o teatro de numerosas atividades “marginais” do ponto de vista tecnológico, organizacional, financeiro”.

De acordo com Souza (2012), o território se caracteriza enquanto território flutuante de acordo com um período determinado, haja vista que os camelôs só ocupam seu território sob o espaço durante o dia, horário comercial, quando há grande fluxo de pessoas. Devido a essa ocupação em espaços com potencial de compradores os camelôs ficam “preservando um espaço público como seu território, as calçadas, fator este que vem causando uma série de enfrentamentos com o poder público e com os próprios pedestres, que transitam pelas ruas do centro comercial da cidade” (SILVA, 2012, p. 45). Através disso, percebe-se que “a cidade é uma produção humana. Dentro dela convivem os homens que produzem e reproduzem seu cotidiano, vivendo muitas vezes em conflito pelo direito à cidade” (ALVES, 2012, p. 84-85).

O território conquistado pelos camelôs não é um espaço passivo, pelo contrário, é um espaço de resistência e lutas, de acordo com Rodrigues (2008), o território desses vendedores é o fator fundamental dos conflitos que giram em torno desses agentes. Se manter como camelô é ser um constante alvo de pressões e sempre precisar batalhar por seu espaço na cidade, o que possibilita “pensar o espaço também como produto de lutas, fruto de relações sociais contraditórias, criadas e aprofundadas pelo desenvolvimento do capital” (CARLOS, 2008, p. 71), onde as lutas irão refletir os interesses entre os agentes que usufruem esses espaços conquistados.

Camelôs em Mossoró e o Território como Campo de Lutas e Resistência

Os camelôs, como agentes que precisam resistir para manterem-se em seus territórios conquistados, os utilizam como meio de sobrevivência financeira e, de forma distinta, porém indissociável, também como campo de lutas, resistência diária, envolvendo diferentes formas de confrontos com os agentes envolvidos na produção do espaço urbano.

Nesse tópico serão analisados alguns dos problemas ocorridos entre os camelôs no confronto com o poder público, que enxerga a ocupação desses vendedores como algo ilícito, a privatização dos espaços livres de uso coletivo, o que restringe o movimento dos passantes, canaliza percursos. Situações como essas ocorrem nas diferentes cidades brasileiras, promovendo a diferenciação e hierarquização da ocupação desses espaços, intensificação e diversificação das apropriações e uma urbanização espontânea cujo resultado é o comprometimento do uso das áreas para as funções para as quais foram criadas (SERPA, 2009). Os limites de usos e desusos dos espaços públicos são construídos socialmente e negociados no cotidiano, no qual surgem singularidades, emergem conflitos, dissensões e, eventualmente, consensos (LEITE, 2007).

Dois confrontos são marcantes na história recente da cidade envolvendo diferentes agentes e usos dos espaços públicos: o primeiro, em 2015 e o segundo, em 2019. Foram confrontos envolvendo *espaço e ação* (LEITE, 2007), cujos desdobramentos são sentidos até os dias de hoje entre os camelôs.

Em 2015, durante o mandato do prefeito Francisco José Júnior (PSD – 2013-2016), houve a determinação do Juiz Pedro Cordeiro Júnior para a retirada dos camelôs das calça-

das do bairro Centro da cidade. Na época foi criada uma associação dos camelôs a partir do presidente da Câmara Municipal de Mossoró, então vereador Jório Nogueira, para que os vendedores se organizassem melhor quanto à situação com o Ministério Público.

Foi apresentada à Associação dos Comerciantes Ambulantes de Mossoró a proposta de desocuparem as ruas em que estavam situados os camelôs, sendo transferidos para os seguintes destinos: Rua do Beco dos Artistas, com 88 vagas; Rua 30 de Setembro, com 18 vagas; e a Rua Machado de Assis, com 26 vagas. Todavia, tais espaços eram pequenos para a quantidade de camelôs, além do pouco fluxo existente, fazendo com que os membros da Associação recusassem a proposta.

Outros espaços ofertados foram o então Shopping Popular¹, com aluguéis variando entre R\$350,00 e R\$650,00, e o Mercado da Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL). Segundo o prefeito da época, Francisco José Júnior, esses espaços eram temporários, a medida definitiva seria o deslocamento de todos os vendedores para a Praça Deputado Carlos Alberto, popularmente Praça do Carcará ou Praça da Gazeta. As propostas foram rejeitadas e os camelôs manifestaram-se, houve resistência para a manutenção das ocupações então existentes, o que perdura até os dias atuais.

A Figura 4 indica os espaços ocupados pelos camelôs já citados no trabalho, como a Rua Coronel Gurgel, o Mercado Central e seus arredores, assim como os espaços oferecidos aos camelôs pela prefeitura que foram rejeitados.

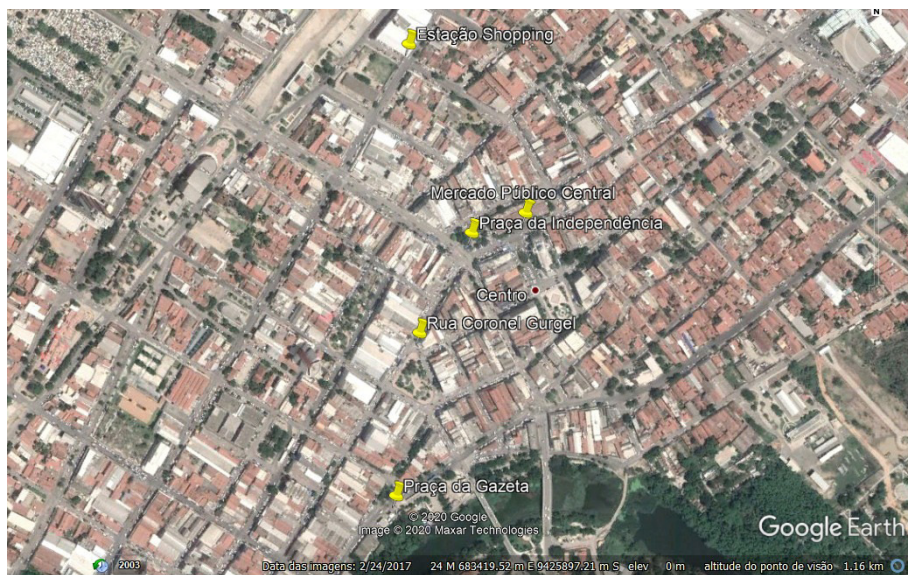


Figura 4 – Mossoró (RN): Espaços ocupados e ofertados em Mossoró aos camelôs.
Fonte: Google Earth (2020).

Em 2019, durante o mandato da prefeita Rosalba Ciarlini (PP – 2016-2020), no dia 10 de abril, o Ministério Público do Rio Grande do Norte (MPRN) surpreendeu os camelôs com a notícia de que eles teriam o prazo de 90 dias para saírem dos seus locais de

trabalho. Quando questionados se trocariam o atual espaço por algum outro, 92% dos vendedores responderam negativamente. Destacam-se aqui as falas de alguns vendedores:

Não, aqui é o centro comercial e tem dias que já vendemos fraco, imagina se fossemos para outro local. Sairia se houvessem camelódromos em lugares de fluxo. (Entrevistado 05, 52 anos, camelô há 40 anos).

Não, devido à localidade, uma esquina no centro... no coração da cidade de Mossoró... onde tem movimento. Se eu sair daqui vou vender a quem? (Entrevistado 09, 37 anos, camelôs há 10 anos).

Depende do lugar. Aqui é o coração da cidade e consigo vender bem, sem falar que eu gosto muito desse espaço. (Entrevistada 01, 39 anos, camelô há 10 anos).

A troca de território gera insegurança entre os camelôs pelos seguintes fatores: a distância entre o novo local e as ruas de principais fluxos de pessoas e comércios; o apego ao território antes conquistado devido às vivências e relações sociais ali obtidas; o comodismo de trocar de espaço após estabelecimento do seu ponto fixo; a insegurança de não lucrar no novo território; a perda total do antigo território. As disputas pelo território tornam-se cotidianas na vida destes trabalhadores, os conflitos e contradições são contínuos, envolvendo disputas de poder e controle no que diz respeito aos demais agentes que utilizam o espaço urbano público, assim como o Estado em suas diferentes atribuições.

Novamente houve resistência dos vendedores para manterem-se em seus espaços então ocupados. A Figura 5 registra uma manifestação ocorrida no bairro Centro para demonstrar a indignação dos camelôs pela ação do Ministério Público.



Figura 5 – Mossoró (RN): Manifestação dos camelôs em abril de 2019.

Fonte: Tales Augusto (2019).

Quando entrevistado a respeito da atitude no Ministério Público e as pautas para o problema, o organizador da manifestação respondeu:

Eu tomei a frente do movimento e saí chamando cada um de cada vez, eles deram 90 dias para a prefeitura e nos movimentamos para mostrar nossas pautas, já vimos lutando com isso há uns 10 anos pedindo calçadão para ocuparmos e fiscalização da prefeitura (Entrevistado 03, 38 anos, camelô há 15 anos).

Diante desses protestos, compreende-se que os espaços apropriados pelos camelôs não devem ser vistos apenas como espaço de sobrevivência, mas também espaço de luta. Segundo Carlos (2008), os espaços não são apenas produzidos enquanto função de reprodução do capital, mas também enquanto função de reprodução da vida humana.

Para Jesus (2011), a resistência dos camelôs por seus espaços se faz devido ao aumento do número de vendedores, a processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização do espaço e à dinâmica social desenvolvida devido a suas atividades; esses fatos transformaram os camelôs em um grupo relativamente coeso e poderoso. Para o autor, “a apropriação do espaço urbano revela um traço importante da luta de classes que rebate na espacialidade” (JESUS, 2011, p. 20).

Para o geógrafo Roberto Lobato Corrêa, no que diz respeito à visibilidade das classes menos favorecidas, “o espaço da cidade é assim, também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos” (CORRÊA, 2002, p. 9), perante isso, observa-se que a luta dos camelôs diz respeito a algo maior do que a luta pelo seu território conquistado, a luta do direito de sobrevivência.

Resultados e Discussões

Quando questionados os motivos da entrada na economia informal observou-se que 71% dos entrevistados o fizeram por falta de oportunidades. O restante, 29%, relatou entrar na atividade por identidade ao trabalho ou por questão de continuidade do trabalho familiar. Abaixo algumas falas dos camelôs em resposta ao questionamento do motivo pelo qual entraram na atividade:

Eu não sabia ler e tive que me virar, né? O cara não sabe ler e tem que correr atrás para sustentar a família e garantir o pão. Eu me acordo de 4 da manhã para chegar aqui e abrir a minha barraca (Entrevistado 13, 47 anos, camelô há 30 anos).

Quem começou a trabalhar aqui foi meu pai, ele abriu um outro ponto no final da rua, eu trabalhava com ele então assumi esse aqui (Entrevistado 11, 20 anos, camelô há 4 anos).

Eu trabalhava no setor formal, na época eu chegava a ganhar até 9 salários mínimos, porém os negócios foram caindo e eu fui perdendo minha renda e vi uma

oportunidade no informal de uma melhor renda na época de muitas vendas dos CD's e DVD's (Entrevistado 04, 50 anos, camelô há 22 anos).

Entrei aqui por falta de emprego e por me identificar com esse trabalho, gosto da relação com o público (Entrevistada 12, 45 anos, professora e camelô há 19 anos).

A falta de oportunidades advinda da estagnação do emprego formal faz com que os trabalhadores migrem para a economia informal, “os trabalhadores recorrem a esse setor, na maioria das vezes, com o objetivo maior de garantir a sobrevivência, independente de que maneira essas atividades estejam sendo desenvolvidas” (FERNANDES, 2008, p. 138).

Quando perguntados sobre suas ocupações, os ambulantes explicaram a respeito de como ocorreram seus processos de apropriação:

Meu pai fazia 40 anos que trabalhava aqui e cedeu-me o espaço, me perguntou se eu queria vim [sic], ele foi um dos primeiros que chegou aqui (Entrevistada 01, 39 anos, camelô há 10 anos)

Eu cheguei e fui me encostando, o dono foi ficando com cara feia, não falou nada e fiquei (Entrevistado 04, 50 anos, camelô há 22 anos).

Aqui era de outra pessoa e eles não tinham condições de trabalhar, ofereceram para mim, então dei uma gratificação para não saírem de mãos abanando (Entrevistado 09, 37 anos, camelô há 10 anos).

A Tabela 2 traz uma síntese das respostas dos camelôs a respeito de como conseguiram o espaço que hoje ocupam:

Tabela 2 –Respostas à pergunta sobre como conseguiu o espaço hoje ocupado.

Motivo	Camelôs
Falou com o dono da loja	2
Continuou o negócio da família	3
Comprou o espaço	2
Alugou o espaço	1
Apropriação	3
Doação de outro camelô	2
TOTAL	13

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Observa-se que em todos os casos o espaço público é apropriado, adquirindo feições privadas, sendo vendido, alugado, doado e/ou passado para familiares, logo “o espaço torna-se mercadoria, entra no circuito de troca, e com isso espaços antes desocupados se transformam em mercadoria, entrando na esfera da comercialização” (CARLOS, 2013, p. 175). Para Fernandes (2008), apesar de algumas vezes esta relação não ser pacífica, vale ressaltar que a economia informal, entre seus segmentos os camelôs, são alimentados pela economia formal e pela própria população, haja vista que esses necessitam da renda dos trabalhadores assalariados para se manterem.

Silveira (2015) relata que essas relações são caracterizadas como relações verticais, levando em consideração que os camelôs se caracterizam no que Santos (2008) chama de circuito inferior da economia urbana, esses se relacionam com o setor formal do Centro da cidade, pois ambos fazem parte do mesmo sistema, o sistema da economia urbana.

Devido a essa relação de dependência relatada por Fernandes (2008), a presença dos camelôs se torna parte do convívio social, isto é observado quando em pesquisa de campo foi perguntado aos transeuntes se já havia comprado algum produto dos camelôs, 93% responderam positivamente.

No que diz respeito aos espaços ocupados pelos vendedores, é observável que esse não é um problema na opinião da população e dos comerciantes da economia formal, 83% relataram nunca ter tido problemas com os camelôs enquanto 66% descrevem não se sentirem prejudicados.

Os vendedores que afirmaram se sentir prejudicados foram aqueles empregados no comércio formal, relatando situações como concorrência e o fato dos camelôs dificultarem a visibilidade da loja:

Eu acho que acaba atrapalhando um pouco pelo fato de tirar visibilidade da loja, e o fluxo de pessoas e a concorrência, tipo nós temos umas meias onde o camelô vende na calçada de forma bem mais baratas por conta dos impostos, isso gera uma concorrência desleal (Entrevistado 19, presente na cidade há 41 anos).

Assim vai se consolidando a realidade da economia informal sobrevivendo de forma simbiótica com a economia formal, haja vista que os trabalhadores informais necessitam vender suas mercadorias e, dentre outros aspectos, muitos dos trabalhadores assalariados desses estabelecimentos consomem os seus produtos.

Quanto à população, quando questionada a opinião sobre a presença dos camelôs nos espaços ocupados por eles hoje, 66% disseram que acharam positiva, a seguir algumas respostas à pergunta:

Acho positiva, é o meio de vida deles, às vezes procuramos nas lojas e não encontramos, sem falar que nos camelôs é bem mais barato (Entrevistada 30, 42 anos).

Eu acho que de certa forma atrapalha a mobilidade, mas acredito que deveria haver um espaço para eles, uma espécie de Shopping Popular (Entrevistado 21, 21 anos).

Acho positiva, mas que deveriam encontrar um espaço para eles porque no Centro fica muito tumultuado, atrapalha a gente, pois eles usam as calçadas onde na verdade é o espaço dos pedestres (Entrevistada 34, 33 anos).

Não acho positiva, atrapalha o movimento, estão ocupando as calçadas e mal podemos passar, era para ter um local, como o Vuco-Vuco (Entrevistado 24, 58 anos).

Observa-se que, mesmo sendo diretamente afetada em seu fluxo e tendo seus espaços públicos reduzidos, a população não se sente prejudicada com a presença dos camelôs, pois reconhecem que os espaços atuais não são adequados, todavia, acima disso, reconhecem os benefícios da atividade dos camelôs, como o baixo preço de seus produtos e uma maior variedade que às vezes não é encontrada nas lojas da economia formal.

São motivos como esses que permitem que a relação dos camelôs com a população não seja conflituosa, fazendo com que parte da população concorde com a instalação desses vendedores nos locais atuais, desenvolvendo entre eles a territorialização do espaço público.

O espaço é territorializado a partir do momento que o camelô se fixa nele, seja através de formas fixas como o próprio camelódromo, ou de formas semifixas como barracas, bancas e tendas. O que importa, para o espaço se tornar território, é a relação de sentimento de espaço conquistado, e sua presença contínua sempre no mesmo espaço, chamado de ponto.

Como visto, territorializar e se apropriar do espaço não significa harmonia e pacificação do local de trabalho, afinal, este espaço deve ser constantemente conquistado, através de conflitos diários para garantir que seu território conquistado seja mantido. Todos os vendedores relatam já ter tido algum problema, seja com outro vendedor ou com o poder público, corroborando com as reflexões de Leite (2007), ao afirmar que a construção dos espaços públicos é complexa, reafirma a singularidade dos lugares e, por isso, faz emergir dissensões e, eventualmente, consensos.

Quanto aos problemas com outros vendedores, alguns relataram problemas a respeito de fatos como concorrência de venda dos mesmos produtos, ou algum outro camelô querer tomar seu ponto já conquistado, e no que diz respeito aos problemas com o poder público:

Os conflitos permanecem na medida em que os camelôs vivem constante situação de insegurança, pelo fato de que possivelmente nunca irão adquirir o título de posse definitivo de um boxe, isto é, este será sempre uma concessão do poder público, porque é um espaço de uso público (RODRIGUES, 2008, p. 48).

Como observado com relação ao poder público, a atividade dos camelôs tanto é um ato de resistência, quanto uma atividade que muitas vezes resolve certo problema que deveria ser de preocupação do poder público, que é o do desemprego. A atividade de venda informal abarca parte da população desempregada, onde, a partir disso, o poder público passa a não se preocupar com essa população, pois esta muitas vezes se acomoda

da com a renda desenvolvida a partir do comércio, deixando de reivindicar empregos formais.

Considerações Finais

O estudo a respeito da apropriação e territorialização da economia informal dos camelôs na cidade de Mossoró demonstra que o principal motivo, em síntese, que leva esses vendedores a ocupar as praças e calçadas, é o desemprego e a falta de oportunidades.

Fruto de uma modernização que substituiu o trabalho braçal pela máquina, os trabalhadores tentam buscar formas de renda alternativas para sua sobrevivência financeira, ocasionando o desenvolvimento das atividades informais, aumento o número de camelôs, ambulantes, flanelinhas, moto-táxi etc.

Como citado, a atividade dos camelôs se desenvolve a partir de buscas alternativas de renda, e essa se caracteriza pela venda em um ponto fixo, podendo ser este um camelódromo, uma barraca ou tenda. A partir do momento em que o camelô fixa o seu espaço, estabelece território sobre ele, já que o delimita como sua posse, tendo a ideia de que este espaço é sua propriedade.

Tal qual a verdade, o que diz Belchior,² “o sol não é tão bonito [...] pra quem vai viver na rua”, a rua, como os demais espaços públicos, vai demonstrar-se como espaço de visibilidade dos indivíduos de pouco poder aquisitivo, do desemprego e da desigualdade, onde os camelôs se tornam um dos agentes que materializam o reflexo desses problemas sociais.

Os vendedores procuram os espaços mais movimentados para ocuparem, por serem os espaços onde eles abarcam um maior número de clientes, todavia, os espaços ocupados por estes indivíduos são ocupados de forma ilícita, haja vista que um espaço público não deve ser privatizado (apropriado, alugado, vendido), e dificulta o direito de ir e vir da população.

A pesquisa demonstrou que houve várias formas de territorialização do espaço, enquanto alguns vendedores pediam permissão dos vendedores de lojas para ocuparem o espaço nas calçadas, outros chegavam e se estabeleciam sem antes haver uma conversa com o dono de estabelecimento, enquanto outros compraram, alugaram ou herdaram de familiares os pontos fixos.

Realizar pesquisa com esses agentes tornou-se algo bastante difícil, haja vista que os mesmos na maioria das vezes pensavam que a pesquisa serviria como fonte de informações para o poder público usar como argumentos de retiradas dos mesmos de seus locais de trabalho, logo a pesquisa só foi possível ser desenvolvida a partir da mediação de um de seus colegas.

Em Mossoró, observou-se que os principais espaços ocupados pelos camelôs são a Rua Coronel Gurgel e a Praça da Independência, que se tornou uma espécie de mercado a céu aberto, ambos, por serem espaços de grande fluxo no bairro Centro, bairro de maior fluxo de pessoas, encontro das principais paradas de ônibus, onde há o embarque e desembarque de pessoas e mercadorias.

Devido a essa apropriação de espaços públicos, os camelôs sempre devem tomar constantes cuidados, pois seu território não é assegurado, o seu ponto sofre pressão de perda tanto de outro camelô, quanto de retirada do poder público, tornando o camelô um agente símbolo de resistência por seu espaço.

A pesquisa demonstrou que, apesar da obstrução das ruas, parte da população não se sente prejudicada pela presença dos camelôs nos espaços que esses hoje ocupam, ao contrário, foram observadas falas que relatavam que achavam positiva a presença dos camelôs nas praças e calçadas por ser um local de fácil acesso aos produtos e serviços ofertados por eles.

Quanto aos vendedores formais, esses, em maioria, relataram nunca haver tido problemas com os camelôs, apesar de alguns relatos sobre a concorrência injusta devido à ausência de impostos pagos pelos comerciantes informais, causando um menor preço em seus produtos.

Vale ressaltar que os vendedores camelôs não sofrem essas pressões porque a quem, pois, como citado, são frutos de um sistema excludente que expulsa a mão de obra menos qualificada. Como observado, alguns desses vendedores eram trabalhadores da economia formal, porém perderam os seus empregos.

Deveria caber ao poder público, enquanto representação maior da população, formar estratégias junto com esses agentes para um espaço mais adequado, ou elaborar formas junto, ou não, do poder privado de geração de emprego que abarque essa população.

Neste trabalho, os camelôs foram analisados numa perspectiva geográfica de apropriação de espaço público e territorialização desse espaço no bairro Centro da cidade de Mossoró. O trabalho demonstrou a complexidade da atividade camelô, a organização, a resistência e a relação entre os próprios camelôs, assim como com o poder público, a economia formal e as pessoas que circulam as ruas da cidade em buscas de seus comércios e serviços.

Este estudo busca uma reflexão e compreensão da realidade desses vendedores que são um reflexo materializado da realidade da cidade, almeja-se que este trabalho sirva de conscientização em relação a esses vendedores e de inspiração para demais estudos geográficos a respeito de agentes da economia informal encontrados nas ruas da cidade, que buscam nos espaços públicos locais formas de sobrevivência.

Referências Bibliográficas

ALVES, D. R. *Disputas pelos usos da cidade: o caso dos camelôs da Campinas*. 2012. 90 f. Monografia de final de curso (Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

BESERRA, F. R. S. *Diferenciação do espaço e transformações urbanas: expansão da indústria da construção em Mossoró (RN)*. 2017. 500 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

CARLOS, A. F. A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 2008.

CARLOS, A. F. A. O consumo do espaço. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. O consumo do espaço. In: CARLOS, A. F. A. *Novos caminhos da geografia*. (Org.) 6. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

FERNANDES, G. O. *setor informal da economia e a dinâmica dos territórios nas praias da cidade do Natal/RN*. 2008. 157 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmica e Reestruturação do Território) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

HARVEY, D. *Paris: capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

JESUS, C. R. *A geografia urbana do camelô belo-horizontino*. 2011. 229 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LEITE, R. P. *Contra-usos da cidade: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp; Aracaju: Editora da UFS, 2007.

MENDÉZ, R. *Geografía económica: la lógica espacial del capitalismo global*. Barcelona: Editora Ariel, 2008.

MIRANDA, A. L. *O uso do território pelos homens lentos: a experiência dos camelôs de Ribeirão Preto*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

OLIVEIRA, F. G. A produção do espaço social e a economia política. In: OLIVEIRA, F. G. et al. (Orgs.). *Espaço e economia: geografia econômica e a economia política*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

POLÈSE, M.; MOROLLÒN, F. R. *Economía Urbana y Regional: introducción a la geografía económica*. Navarra: Thomson Reuters; Civita: Editorial Aranzadi, 2009.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2014.

RODRIGUES, I. D. *Dinâmica geográfica da camelotagem: a territorialidade do trabalho precarizado*. 2008. 186 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996a.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1996b.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. Entrevistadores: Odete Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SERPA, A. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, R. R. T. *O circuito inferior da economia urbana em Mossoró: a dinâmica do comércio ambulantes*. 2012. 220 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVEIRA, M. L. Modernização contemporânea e nova constituição dos dois circuitos da economia urbana. *Revista GEOUSP*, v. 19, n. 2, p. 245-261, 2015.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

VIDEIRA, S. L. C.; PIERRE, A.; FAJARDO, S. (Orgs.). *Geografia econômica: (re)leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

Recebido em: 26/05/2020 Aceito em: 01/02/2021

¹ Hoje denominado Estação Shopping.

² “Fotografia 3x4”, música e letra de Belchior do LP *Alucinação* (1976).